

A estela antropomórfica  
de Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova):  
seu enquadramento nas estelas peninsulares  
com diademas e “colares”



## A estela antropomórfica de Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e “colares”<sup>1</sup>

João Luís Cardoso<sup>2</sup>

### Resumo

Estuda-se uma nova estela antropomórfica, recolhida em 1996 no sítio de Monte dos Zebros, (Idanha-a-Nova), cuja existência foi dada a conhecer dois anos depois, embora apenas se tenha indicado a localização e as condições de ocorrência. Trata-se de um pequeno monólito, incompleto na parte inferior e muito erodido, especialmente na face posterior, em resultado da sua exposição aos agentes meteóricos.

A relação do monumento com uma provável mamôa funerária parece sugestiva, já que o mesmo provém da área de dispersão dos elementos pétreos que a integrariam, sem que, contudo, seja possível caracterizar o tipo de túmulo, provavelmente não-megalítico, dado que a topografia do terreno não evidencia actualmente a sua presença. Assim, é provável estar-se em presença de mamôa, da Idade do Bronze, como outras conhecidas na região.

Do ponto de vista tipológico, o presente exemplar possui, na estela do Crato, o seu paralelo mais próximo, tanto do ponto de vista da morfologia do suporte, como da iconografia representada, conclusão que decorre do estudo comparativo realizado, devendo ser inserido, tal como aquele, nos momentos iniciais de uma longa série contínua deste tipo de monumentos de cunho feminino, conferido pelos diademas e pelos “colares”, que, remontando ao Bronze Antigo, atinge os finais da Idade do Bronze/Idade do Ferro.

**Palavras-chave:** estela feminina, Idade do Bronze, Monte dos Zebros, Beira Baixa, Portugal.

### Abstract

In this study we address a new anthropomorphic stele collected in 1996 in the location of Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova), published two years later but only for its location and conditions of occurrence. It is a small monolith, incomplete in its inferior zone and quite eroded, especially in its posterior face, as the result of exposure to meteoric agents. The relationship of the monument with a probable funerary tumulus appears suggestive, because it comes from the same area of dispersal of stone elements that would integrate it, but considering the absence of relief of the site, and other evidences, like large stones, the funerary structure would

1 Coube a M. Chambino e a F. Henriques a identificação da estela, devendo-se ao primeiro a caracterização das respectivas condições de jazida. A ambos e à Associação de Estudos do Alto Tejo, a que pertencem, o agradecimento do signatário.

2 Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Cardoso18@netvisao.pt.

not be of megalithic type, perhaps belonging to the Bronze Age, like others already published of the same region.

From the point of view of the typology, the present monument is quite similar to the stele of Crato, concerning the support, the represented iconography, as seen in a comparative study, and should also be inserted, in the early moments of a long continuous series of this type of monuments having a feminine stamp, given by the diadems and by the necklaces that, coming since the Early Bronze Age, reaches the Late Bronze Age/Early Iron Age.

**Key-words:** Female stele, Bronze Age, Monte dos Zebros, Beira Baixa region, Portugal.

### Localização e condições do achado

A estela antropomórfica objecto deste estudo foi recolhida em prospecção realizada no dia 23 de Agosto de 1996, no âmbito da cartografia arqueológica do concelho de Idanha-a-Nova, freguesia de Zebreira, no local designado por Monte dos Zebros, o qual possui as seguintes coordenadas UTM, lidas na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, Folha 294: PE586085 (Estampa 1).

A notícia da descoberta encontra-se publicada no Relatório respeitante àqueles trabalhos de prospecção, correspondendo-lhe o *locus* 2 do referido topónimo, por se ter atribuído o *locus* 1 aos vestígios de mamôa, situada nas proximidades, onde foi recolhido algum espólio à superfície (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998, p. 10).

É provável que o local da descoberta corresponda a uma mamôa, muito arrasada pela lavoura. É o que sugere a existência de abundantes blocos, que, apesar de dispersos pelo solo arável, em virtude dos trabalhos agrícolas, evidenciam maior concentração no local da descoberta, observando-se ali um núcleo de pequenos blocos de granito de grão fino, de quartzo e, mais raramente, de xisto, dispersos sobretudo na direcção do pendor do terreno, para o quadrante de Noroeste, numa extensão de cerca de 50 m (Estampa 2). Como prova da intensidade dessas actividades agrícolas, o monólito evidencia, especialmente na face posterior, mais erodida, em resultado de uma maior exposição aos agentes meteóricos, inúmeros sulcos provocados pela relha do arado, os quais também atingem as outras faces da peça, embora de forma menos acentuada.

A ter existido uma mamôa no local da descoberta, aquela possuía pequeno tamanho e, não se vislumbrando nenhum monólito que faça supor a existência de monumento megalítico, é provável que tenha correspondido a um tipo de monumento pós-megalítico, reportável à Idade do Bronze, de que se conhecem exemplos na região, como a mamôa de Amieiro 9 (Cardoso, 2008).

O sítio, de pendor suave, propício a culturas cerealíferas, que continuam a realizar-se regularmente, integra cumeada que se inicia a partir de extensa plataforma que se estende na direcção do rio Aravil. O solo, cobrindo substrato xistoso, apresenta-se localmente desprovido de afloramentos, embora um pouco mais para Este (freguesia de Zebreira) estejam identificados afloramentos graníticos, ocorrendo, para Sul (freguesia do Rosmaninhal), afloramentos de xisto e, para Norte e Oeste, depósitos sedimentares areno-conglomeráticos de idade terciária.

O local possui ampla visibilidade: para Norte e Noroeste, avista-se o *inselberg* de Monsanto, Idanha-a-Nova, a grande falha do Ponsul e, mais ao longe, as serras da Gardunha e da Estrela; para Oeste, avista-se a elevação onde se implanta a cidade de Castelo Branco, o Monte de S. Martinho, a serra das Talhadas e a crista das Portas de Ródão; para Sul, divisa-se o Cabeço de Monforte e serranias espanholas.

### Descrição da estela e da sua iconografia

Trata-se de um monólito de granito claro de grão fino, de origem próxima, dado

que parte dos blocos que juncam o terreno, relacionados com a provável mamôa são também do mesmo tipo petrográfico. Morfologicamente, a parte conservada – que corresponde aproximadamente a cerca do terço superior do volume original – caracteriza-se por uma extremidade superior arredondada, e por lados de perfil levemente convexo. A face anterior, ou frontal, apresenta-se também levemente convexa, enquanto a face posterior mostra-se mais convexa e irregular, e, como já se referiu, com abundantes sulcos em múltiplas direcções, produzidos pela relha do arado, indicando que esteve por muitos anos tombada, e semi-enterrada, com aquela face mais ou menos exposta, embora também se observem alguns sulcos idênticos na face anterior, de ambos os lados, e até no topo. As duas superfícies laterais são igualmente convexas, conferindo à parte conservada uma secção mediana elipsoidal assimétrica.

O monólito corresponde, pois, a uma estela, por não exibir contorno recortado (atributo das estátuas-menires), e evidenciar uma face frontal levemente convexa, mais desenvolvida e melhor acabada que as restantes, destinada a receber a iconografia principal (Estampa 3).

As dimensões actuais são as seguintes:

Comprimento máximo actual (correspondendo à altura, em posição vertical) – 27,5 cm; o monólito original poderia atingir cerca de 0,70 m de comprimento máximo.

Largura máxima actual (inferior à do monólito original) – 27,0 cm;

Espessura máxima – 17,5 cm.

A técnica decorativa recorreu ao picotado, mais ou menos profundo, feito com objecto pontiagudo, seguido, nalguns casos – especialmente na produção de sulcos – de abrasão. Quanto às depressões punctiformes, observam-se dois grupos, segundo o seu tamanho e profundidade, que se distribuem segundo uma lógica de simetria na superfície insculturada. A técnica parece seguir os cânones anteriormente observados, existindo um primeiro momento em que a depressão foi produzida por percussão, seguido de um segundo momento em que se recorreu à abrasão rotativa. Tal conclusão é apoiada pela superfície polida, conservada ainda hoje em algumas daquelas depressões, especialmente nas de maiores dimensões.

Do ponto de vista da organização e desenvolvimento dos motivos, tendo presente a respectiva distribuição pela superfície do monólito, podem identificar-se as seguintes grandes unidades, na face anterior ou frontal (Estampa 4):

- a representação de diadema ou toucado, na parte superior do monólito, através de finas linhas incisivas radiais, que poderiam ter sido obtidas com uma lâmina de sílex, ou, mais provavelmente, metálica, diferenciando-se completamente das outras duas técnicas acima referidas;

- a representação esquemática dos olhos, através de dois pontos, com um terceiro ponto, de significado indeterminado, na parte central, correspondente ao nariz;

- o nariz, que corresponde a dois traços sub-verticais convergentes, interrompidos por um sulco moderno, largo e pouco profundo, o que impede de saber se tais traços se uniam inferiormente, e como;

- a boca, correspondendo a um curto segmento horizontal, independente dos traços representando o nariz.

A face, assim esquematicamente representada, encontra-se separada do tronco por um traço horizontal, a partir do qual se desenvolvem, inferiormente, três linhas curvas fechadas, descrevendo arcos cada vez mais abertos, correspondentes a “colares”.

A presença de alinhamentos de depressões punctiformes, de diversos tamanhos, que, desenvolvendo-se em torno da representação principal, na face frontal, parece que a destacam, merece ser detalhada, uma vez que existe uma ordem no tamanho de tais depressões consoante o local observado. Assim, de ambos os lados do colar, e exterior ao mesmo, observam-se alinhamentos de depressões punctiformes que se prolongariam inferiormente pela parte da peça em falta. Externamente a estes dois alinhamentos, e sem os acompanhar, desenvolvem-se em arco, enquadrando a toda a volta a face esquemática da representação antropomórfica, mais de vinte depressões punctiformes de tamanho análogo às anteriores. Enfim, várias depressões punctiformes, maiores que as anteriores, situam-se, de ambos os lados, formando um alinhamento vertical que se prolongaria inferiormente ao longo das faces laterais do monólito. A face posterior, mais irregular, não se apresenta decorada, como é usual neste tipo de estelas, ainda que existam exceções: é o caso de uma serpente, finamente insculturada na face posterior da estela do Crato (Bueno Ramírez *et al.*, 2004 a), a qual tinha passado despercebida aos diversos autores que anteriormente a publicaram (Estampa 5). Esta representação é conotável com o mundo subterrâneo e, assim, com a crença na vitalidade telúrica e no binómio morte/regeneração (Cardoso *et al.*, 2001/2002). Deste modo, a sua presença neste monólito – tal como em outros de carácter indiscutivelmente funerário, de que é paradigma o notável menir identificado no dólmen de Navalcán, Toledo (Bueno *et al.*, 1999) – é sugestiva da conotação do mesmo com monumento funerário. Sendo certo, no entanto que a continuidade daquela relação se manteve pelos milénios seguintes, a ocorrência desta serpente no monólito do Crato, só por si, não é comprovativa de qualquer época específica a que o mesmo possa ser atribuído.

### Comparações

Nas comparações que se seguem, serão comparados, sucessivamente, os elementos decorativos identificados nesta estela com os identificados em outras, por forma a melhor poder situar o exemplar em estudo no conjunto dos seus homólogos peninsulares.

1 – Suporte – trata-se de um bloco inteiramente afeiçoado, com o topo convexo, exibindo a face anterior um fino trabalho de regularização. No total, o monólito poderia não ultrapassar 0,70 m. Desta forma, integra-se nos pequenos exemplares totalmente afeiçoados e de vulto redondo, como o do Crato (Vasconcelos, 1910). Estes distinguem-se dos exemplares de forma ovóide, os quais, por tal motivo, receberam a designação, algo imprecisa, de “ídolos-guijarro”, adoptada por M. Almagro Gorbea, comuns na vizinha província de Cáceres – a que pertence o pequeno exemplar da Quin-

ta do Couquinho (Moncorvo) (Vasconcelos, 1910) – por possuírem uma face anterior e uma face posterior bem desenvolvidas, conferindo-lhes formato estelar. O quarto exemplar integrado nesta categoria – presença de duas faces principais e formato estelar – dado a conhecer em território português provém de A-de-Moura (Guarda) e corresponde a bloco intacto, totalmente afeiçoado, com 1,02 m de altura, 0,41 m de largura média e 0,20 m de espessura na parte média (Silva, 2000). Enfim, a estela de N. Sr<sup>a</sup>. da Esperança (Arronches) descoberta acidentalmente por H. Breuil numa ocasião em que se dirigia ao abrigo com pinturas rupestres com aquele nome, e dada a conhecer pelo próprio (Breuil, 1917), distingue-se dos exemplares mencionados por ter sido executada numa placa pouco espessa (Estampa 5).

2 – Olhos – a execução dos olhos através de duas depressões punctiformes, separadas pelo nariz, é prática corrente no conjunto das estelas antropomórficas peninsulares. O presente exemplar, porém, possui, não duas, mas três depressões dispostas quase na horizontal, e a espaços iguais, situando-se a intermédia na zona central da representação do nariz. Esta situação observa-se na estela de Arronches. Neste exemplar, embora os desenhos publicados por H. Breuil (1917) e E. Anati (1968) assinalem apenas os dois olhos, foi identificada mais recentemente uma terceira depressão, encimando o traço vertical correspondente ao nariz (Bueno Ramírez *et al.*, 2005) (Estampa 5). Enfim, podem ainda assinalar-se outros casos em que se observam, na parte atribuível à cabeça destas estelas, a existência de três depressões principais, alinhadas horizontalmente: é o caso de estela de Tabuyo del Monte, León (Almagro Basch, 1972) e de uma das estelas do conjunto de Sejos, Cantábria (Bueno Ramírez *et al.*, 2005). Esta particularidade não pode, pois, ser fruto do acaso, tendo um significado que hoje se afigura de difícil interpretação.

3 – Nariz – a representação do nariz, quando existe, nas estelas antropomórficas peninsulares, corresponde, via de regra, a um sulco vertical simples. No caso presente, tudo indica que não era assim: os dois traços oblíquos convergiriam inferiormente, correspondendo a uma figura em V ou, mais provavelmente, em U fechado. Esta tipologia tem o seu melhor paralelo na estela de A-de-Moura, Guarda, onde o nariz se encontra assinalado por um sulco em U, encimado pelos dois olhos. A outra estela do território português, dada recentemente a conhecer, onde o nariz foi obtido por dois sulcos convergentes, em V aberto, é a do Castro de Barrega, Celorico de Basto (Sampaio, 2007).

4 – Boca – representada por um curto sulco horizontal, sobreposto pelo nariz, tem, igualmente, nas estela de A-de-Moura, e na do castro de Barrega, o seu mais próximo paralelo no território português (Estampa 6). Assinala-se, no entanto, a frequência deste tipo de representação nas estelas peninsulares, ainda que algumas a não possuam: é o caso das estelas da Quinta do Couquinho (Moncorvo) e do Crato a qual, desde a sua primeira reprodução gráfica (Vasconcelos, 1910), até ao decalque cuidado que dela se apresentou em 2004 (Bueno Ramírez *et al.*, 2004 a), ao contrário do verificado com a estela de N. Sr<sup>a</sup>. da Esperança, na qual se assinalou a boca, na última versão conhecida (Bueno Ramírez *et al.*, 2004 a).

5 – “Colares” – os três arcos com curvaturas crescentemente maiores observados na estela em apreço integram-se nos adereços ou representações que têm sido usualmente interpretados como “colares”. A sua presença é quase constante no conjunto das estelas diademadas peninsulares, encontrando-se presente em exemplares de assinaláveis diferenças morfológicas e iconográficas, desprovidos de diadema e por isso não incluídos no presente trabalho: é o caso da estátua-menir de Boulhosa, possuindo um “colar” de cinco voltas (Vasconcelos, 1910), recentemente redesenhada (Bueno Ramírez *et al.*, 2005); de algumas das estelas do Cabeço da Mina (Vila Flor), infelizmente ainda não publicadas como mereciam; e do exemplar do Alto da Escrita (Viseu), ostentando “colar” com cinco voltas e um cinturão (Carvalho *et al.*, 1999). Igualmente de cinco voltas, é o colar da estela do Castro de Barrega, Celorico de Basto (Sampaio, 2007). É certo que, em oposição, existem exemplares estilisticamente mais próximos da estela em apreço que não ostentam “colares”, embora se possam adivinhar os diademas: os casos mais evidentes, provêm todos da parte setentrional do território peninsular: ao célebre painel rupestre gravado e pintado de Peña Tú (Astúrias), desenhado por Juan Cabré (Cabré, 1917) e recentemente reinterpretado (Bueno Ramírez *et al.*, 2005), somam-se as estelas de Tabuyo del Monte (León), a inscultura estelar de Garabandal (Cantábria), e o conjunto de estelas de Sejos (Cantábria), que evidenciam estreitas afinidades entre si, constituindo um grupo muito homogéneo.

Note-se que o número de voltas identificados nos aludidos colares, por simples contagem do número de sulcos curvilíneos existentes pode ser ilusório. Na verdade, ao contrário do verificado na estela em estudo, são frequentes os preenchimentos internos entre cada uma delas, sugerindo tratar-se, em particular nestes casos, de peitorais ou estolas de tecidos bordados: é o caso de um dos exemplares mais próximos morfológica e geograficamente do agora estudado, a estela do Crato: na última versão publicada (Bueno Ramírez *et al.*, 2005), o “colar”, apresenta-se também preenchido internamente com zigue-zagues, tal como se observa na estela, mais elaborada, da Granja de Toniñuelo (Badajoz) (Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 1997).

6 – Toucados ou diademas – a presença de diademas assume nestas estelas um papel de tão evidente importância, que foram designadas por “estelas diademadas”, realidade particularmente nítida nas produções consideradas mais modernas, reportadas ao Bronze Final/Idade do Ferro. A variabilidade formal deste suposto adereço é muito grande, desde uma simples linha (caso da estela da Quinta do Couquinho, Moncorvo), passando por reticulado, semelhante a rede (caso da estela do Crato), sugerindo uma espécie de coifa, até representações mais complexas, como as linhas curvas alternantes com faixas preenchidas por alinhamentos de depressões punctiformes (estela de N. S<sup>a</sup>. da Esperança, Arronches). Na estela de A-de-Moura (Guarda), o toucado encontra-se representado por finas linhas radiais, com evidente paralelo no presente exemplar, e em outros do território vizinho, podendo reproduzir toucado de crinas soltas.

A dicotomia entre as representações de estelas de personagens armados e as que não possuem armas, coincide com a presença ou ausência deste atributo, moti-

vo por que foram frequentemente reportadas a personagens femininas. É o caso das estelas antropomorfas de La Lantejuela (Sevilha) (Oliva Alonso, 1983) e de Capilla I e Belalcazar I (Badajoz) (Enríques Navascués & Celestino Pérez, 1982, 1984), as quais, confirmando aquela atribuição, exibem a representação dos seios através de depressões punctiformes. Note-se, de passagem, que a representação de seios nas estelas diademadas peninsulares mais antigas é excepcional, aparte o exemplar de Salvatierra de Santiago (*in* Sevillano S. José, 1991). Ainda dentro daquelas últimas produções de estelas diademadas, é de referir a estela muito conhecida de Torrejón del Rubio II (Cáceres) (Almagro Basch, 1966), cuja cronologia dentro do Bronze Final se encontra comprovada pela presença de uma fíbula de cotovelo e de um pente de um dos seus lados. O toucado ou diadema tende a substituir o “colar” nalgumas delas, situação que foi explicada por apenas o primeiro manter validade como indicador social (Celestino Pérez, 1990). Enfim, numa destas estelas (El Viso III) representam-se dois personagens armados e confrontados entre si, claramente enquadráveis nos exemplares das estelas com armas ou guerreiros armados, ditas “extremeñas”, separados por um personagem feminino diademado, não armado. Esta estela estabelece, assim, a ponte que faltava entre as estelas diademadas e estelas de guerreiros (*in* Celestino Pérez, 1990, grupo B da sua sistematização das estelas diademadas).

Nas estelas consideradas mais antigas, o toucado ou diadema é discreto. É neste grupo que se integra o exemplar em estudo. Com efeito, tal adereço é apenas sugerido pelas finas incisões radiais que contornam a cabeça da estela, enquadrada pelas depressões punctiformes que inferiormente se prolongam por outras.

As finas incisões radiais, observadas no topo da estela em estudo, com paralelo próximo na já citada estela de A-de-Moura, têm equivalente nas representações filiformes radiais na parte superior do ídolo rupestre de Peña Tú, pintadas a vermelho, aparentando simbolizar, igualmente, uma coifa constituída por crinas soltas, sobre a cabeça.

Nalguns casos, o toucado, que envolve superiormente a cabeça, encontra-se prolongado pelo “colar”, ou estola, que a delimita inferiormente, sem solução de continuidade, como se observa na estela de Agallas (Salamanca) onde, não obstante, houve espaço para a representação de finas linhas incisivas radiais, sobrepostas à cabeça (Sevillano, 1991), equivalentes das que se observam na estela do Monte dos Zebros e em muitas outras. Noutros casos, observa-se nítida dicotomia entre o toucado e o “colar”, como na estela de Hernán Pérez VI (Almagro Basch, 1972).

Os alinhamentos de depressões punctiformes observados na estela de Monte dos Zebros em torno da face e, mais abaixo, enquadrando o “colar”, reforçam o efeito decorativo do referido diadema, toucado ou coifa. A já citada estela de Granja de Toniñuelo, a par da de Arrocerezo (Cáceres) (Bueno Ramírez & González Cordero, 1995) e da de Robledillo de Gata (Salamanca) (Sevillano, 1974, 1991) incorporizam a integração dessa temática no diadema, a par com a decoração radiada, nele predominante. É curioso notar que, mesmo nas estelas mais tardias, do Bronze Final/Idade do Ferro, se continua a observar a manutenção de tais características, como no exemplar de Capilla I (Badajoz).

### Sexo, cronologia

A presença de “colares” tem sido critério utilizado por diversos autores para atribuir as estelas onde ocorrem as representações femininas (Almagro Gorbea, 1993a, 1993b). Este princípio tem antecedentes extra-peninsulares: com efeito, ao estudar os diversos grupos presentes no Midi francês, Jean Arnal considerou a existência clara de representações femininas – todas as que possuíam colares, também acompanhados da representação de seios – por oposição às masculinas – todas as que possuíam armas, considerando-os adereços mutuamente exclusivos. Considerou ainda certos casos híbridos, envolvendo a deliberada alteração de atributos, e a adição de outros, nos mesmos exemplares, suportando a ideia de reformulação, com a transformação de estelas masculinas em femininas e vice-versa (Arnal, 1976).

No que se refere às estelas peninsulares, a presença de armas em estelas diademadas ou afins, afigura-se como um elemento importante na atribuição do sexo, sem esquecer a possibilidade de reconversão, à semelhança do observado em França.

Nenhuma das estelas diademadas encontradas em Portugal possui armas, as quais, no entanto, foram precocemente valorizadas no país vizinho, a partir da associação pictórica do ídolo de Peña Tú a uma adaga longa, obtida por gravação, idêntica à encontrada na cista epicampaniforme da Quinta da Água Branca (Vila Nova de Cerveira) (Cardoso, 2002). Note-se que a representação daquela arma possui, na versão publicada por J. Cabré (1916), cinco pontos a vermelho, junto da empunhadura, que poderão corresponder a rebites, remetendo-a assim para um modelo de características argáricas, em vez de arma de afinidades campaniformes, munida de lingueta simples de encabamento, como é admitido por diversos autores (Anati, 1968); e esta representação é tanto mais insuspeita quanto é certo, por um lado, ser Juan Cabré um arqueólogo que, à época em que realizou o decalque deste painel, já possuía larga experiência acumulada na realização deste tipo de trabalhos, e por outro, a convicção que a figura em apreço representaria uma sepultura, depois de ter sido atribuída a punhal, o que torna ainda mais insuspeita a real existência daquelas pontuações. Merecem ser transcritas as suas palavras, pela importância que detêm para a interpretação desta representação e, por conseguinte, da respectiva cronologia:

*“La figura grabada, que en un principio creímos dada su forma indicaba un puñal, creo mas bien debe ser una sepultura, indicadora de un enterramiento en cuya memoria se hicieron dichas pictografías, simbolizando la imágen de la derecha la divinidad generatriz a la que dirijeron sus invocaciones en el sepelio y confíaron el cadáver los deudos del enterrado, el signo-puñal el sepulcro, la escena humana la danza fúnebre (...).*

*El origen de nuestro error se basaba en la forma estilizada de la sepultura, y mas aún por los cinco puntos que aparecen en el tercio superior, los cuales nos movieron a creer, que significaban los clavos de remache de la empuñadura com la hoja del supuesto puñal. Dichos puntos no deben relacionar-se com el gráfico y pueden pertenecer a las séries inmediatas de puntuaciones”* (Cabré, 1916, p. 26).

A ideia inicial é que estava certa, visto actualmente não se colocar a questão de a representação em causa corresponder a uma sepultura antropomórfica. Que essa arma possui rebites, é a opinião claramente expressa por H. Breuil, que, tendo observado o painel *in loco*, apresenta as seguintes conclusões sobre a questão em apreço:

*"L'une figure évidemment un grand poignard triangulaire d'environ 0 m. 65, à manche court, du type classique du début de l'âge du bronze ou de la fin de celui du cuivre, avec cinq rivets peints en arc de cercle sur la garde"* (Breuil, 1933, p. 41).

Deste modo, é estranho que os rebites, tão nítidos no desenho de J. Cabré, arqueólogo já com larga experiência acumulada na reprodução de pinturas e gravuras rupestres peninsulares, aquando da execução deste decalque, e confirmados por Henri Breuil, eminente especialista de arte rupestre, já não figurem na versão publicada por P. Bueno Ramírez e colaboradores em 2005, a menos que entretanto tenham desaparecido por causas naturais.

Admitindo a efectiva presença de rebites na empunhadura daquela arma, também devidamente valorizados por outros autores (Sevillano, 1982), a representação do ídolo de Peña Tú seria reportável ao Bronze Antigo, situável nos inícios do II milénio a.C. É a tal época que a estela leonesa de Tabuyo del Monte deve também ser atribuída, por ostentar, de ambos os lados, respectivamente, uma alabarda de tipo Carrapatas, de folha triangular, e um punhal de tipologia aparentemente próxima do representado no painel pintado de Peña Tú, de cabo curto (embora sem representação de rebites, o que se compreende por se tratar de uma inscultura) os quais, por seu turno, têm paralelo numa das estelas cantábricas de Sejos.

Na estela de Hernán Pérez VI (Cáceres), publicada por M. Almagro Basch em 1972, foi identificada recentemente a inscultura de uma alabarda fixada ao cinturão da personagem representada, do mesmo tipo da anterior (Bueno Ramírez *et al.*, 2005). E uma outra foi registada na estela de Agallas (Salamanca) (Sevillano, 1991). Esta estela tem a particularidade de a alabarda, em tudo semelhante às anteriores, ter sido gravada após a peça ter sofrido uma fractura, na face frontal. Dado que a estela em causa possui, de acordo com a figura ulteriormente dela publicada por P. Bueno Ramírez *et al.* (2005), uma representação na zona inferior desta face conotável com o órgão genital feminino, que tudo indica ser da época da feitura do monumento, pode admitir-se situação idêntica à referida por J. Arnal para algumas estelas do Midi francês, a da transformação de um personagem feminino em personagem masculino. Com efeito, é interessante notar que a alabarda foi gravada exactamente na superfície fracturada da estela, correspondente à área em que se desenvolveria o "colar", enquanto atributo feminino, pelo que a ablação daquela parte da estela pode ter sido intencional.

Em reforço da dicotomia entre estelas femininas e estelas masculinas, não deixa de ser significativo observar que as representações de Peña Tú, Sejos e Tabuyo del Monte, todas com armas, não possuem colares e que as escassas estelas onde se observam armas e colares admitem a hipótese de aquelas terem sido adicionadas em momento ulterior: além da estela de Agallas, é o caso da estela de Hernán Pérez

VI, que, na primeira representação publicada (Almagro Basch, 1972) não apresenta nenhuma arma, ao contrário da versão publicada recentemente (Bueno Ramírez *et al.*, 2005), onde se representa uma alabarda do tipo Carrapatas em posição vertical, fixada ao cinturão do personagem. Mas o traço filiforme do cabo desta arma, bem evidenciado no desenho mais antigo (conclusão confirmada pela análise da respectiva foto, cf. Almagro Basch, 1972, Lám. VI), afigura-se muito diferente da restante gravação da estela, sendo, pelo contrário, semelhante ao da alabarda da estela de Agallas; assim, é provável que, também neste caso, a arma tenha sido adicionada à representação pré-existente.

O sexo feminino, na estela de Agallas, está representado por duas linhas verticais levemente convexas, que se unem em ambas as extremidades, assemelhando-se muito à representação presente na estela de A-de-Moura, já atrás referida. É interessante notar que a dita representação ocorre em uma placa de xisto da anta do Couto de Vale Magro (Crato) (Isidoro, 1971), a qual possui também braços e dedos filiformes, observados de ambos os lados da referida representação, exactamente como na estela de Agallas (Estampa 6). Este modo de representar o sexo feminino acompanharia a forma mais usual, através de um triângulo invertido, que se observa em algumas placas de arenito do grupo alto-alentejano, como a que foi recentemente publicada da Anta da Horta (Crato) (Oliveira, 2006), com prolongamento pela província de Cáceres, através da placa encontrada no dólmen de Vega del Guadancil, associada a uma placa de xisto com representação de "colar" (Leisner & Leisner, 1959, Tf. 55, nºs 1 e 2).

A referida semelhança formal sugere a possibilidade de as placas decoradas terem estado na origem das estelas do grupo em apreço, como defenderam em diversos trabalhos P. Bueno e colaboradores, no seguimento de observações muito anteriores no mesmo sentido (Vasconcelos, 1910), entretanto também apresentadas por diversos autores, no âmbito da discussão de monumentos de outras áreas geográficas (Arnal, 1976). Vale a pena recordar as observações a tal propósito, de um dos mais notáveis pioneiros dos estudos arqueológicos em Portugal:

*"existe parentesco dos monumentos da Boulhosa, do Couquinho e do Crato com a placa de lousa de Alcobaça, que provém de uma região chalcolithica, e posso incluir na mesma parentella uma placa de lousa de Idanha-a-Nova, achada num dólmen"* (Vasconcelos, 1910, p. 38).

Referia-se o autor à existência, nas placas de xisto e nas estelas em apreço, de "colares", os quais, sendo um dos traços mais marcantes das primeiras, ocorrem também em algumas placas. Um dos exemplos mais expressivos é o da placa mencionada por J. Leite de Vasconcelos, oriunda da gruta do Cabeço da Ministra (Alcobaça) (Gonçalves, 1978), apesar de provir de região onde não se conhece nenhuma estela (Estampa 6). Tal como o observado em algumas estelas, o "colar" patente no anverso desta placa é definido por duas linhas preenchidas interiormente por faixas oblíquas, sugerindo uma estola, sugestão que é reforçada pela representação do reverso, onde se observa outro "colar", representado por duas faixas arqueadas preenchidas interiormente.

O Alto Alentejo Oriental corresponde à região que, estendendo-se em território português pelo sul da Beira Interior (região do Tejo internacional), possui maior concentração de placas de xisto e de arenito com representações antropomórficas semelhantes a algumas das estelas mais elaboradas, com cabeça, braços e mãos, possuindo algumas delas, decorações que se assemelham a “colares”, os quais, tal como na placa de Alcoaça estão presentes em ambas as faces das mesmas. Esta realidade parece ser explícita quanto à representação de uma personagem vestida, vista de frente (a face que possui braços e mãos) e de costas: é o caso do exemplar recolhido na anta da Horta (Alter do Chão) (Oliveira, 2006), e do publicado por J. L. de Vasconcelos, proveniente de uma anta de Idanha-a-Nova (Ferreira, 1973), cujas afinidades entre si são evidentes, extensivas a alguns exemplares da província de Cáceres, como os recolhidos no dólmen de Lanchas 1 (Valência de Alcântara) (Bueno Ramírez, 1992) e no já mencionado dólmen de Vega del Guadancil.

Os ditos “colares”, além de estolas ou adereços de indumentária, que cobririam os ombros e o peito dos personagens representados, poderiam não ser mais do que a bordadura, em U ou em V, de mantos ornados com padrões geométricos. Com efeito, a relação entre os padrões geométricos das placas de xisto e peças de vestuário onde os mesmos estivessem presentes, foi assinalada por diversos autores, no seguimento da proposta de P. Bueno Ramírez, sobre a filiação das estelas antropomórficas nas placas alentejanas do grupo de Crato-Nisa-Castelo de Vide (Bueno Ramírez, 1991). Deve notar-se, contudo, que a distribuição geográfica deste tipo de placas não corresponde à das estelas em apreço, já que, para Ocidente, se prolonga até ao Alto Ribatejo, como prova o fragmento recolhido na anta do Penedo Gordo (Gavião) (Cunha & Cardoso, 2002/2003), sendo residual na província de Cáceres, e inexistente na de Salamanca, áreas de onde provêm a maioria das estelas diademadas.

Se a hipótese de algumas das placas antropomórficas do grupo alto-alentejano oriental e da Beira Baixa poderem ostentar a reprodução de mantos tem cabimento, algumas das representações estelares reúnem também indícios naquele sentido, especialmente as do grupo setentrional, como as de Peña Tú, Garabandal, Tabuyo del Monte e Sejos, cuja iconografia de bandas horizontais preenchidas por zigue-zagues ou triângulos, é comum às placas. Porém, tendo presente a completa ausência de placas de xisto na região correspondente à das estelas em apreço, pode concluir-se que tal semelhança só pode resultar de mera convergência formal.

Em conclusão, parecendo aliciente a hipótese de relação entre certas placas alentejanas calcólicas e as estelas em apreço, a efectiva demonstração desta hipótese carecia da verificação prévia duas condições: a idêntica distribuição geográfica das placas antropomórficas e das estelas – o que só muito parcialmente se verifica; e, mais importante, a efectiva continuidade – para não dizer contemporaneidade – entre os dois grupos de manifestações simbólicas.

A segunda condição remete directamente para o faseamento da produção das estelas, com base nas suas características iconográficas e nos escassos contextos co-

nhecidos, questão que foi abordada por diversos autores.

Tendo presentes as propostas sucessivamente apresentadas, especialmente as mais recentes, da autoria de M. Almagro-Gorbea (1993 a; 1993 b), verifica-se que este autor faz corresponder as produções mais antigas às menos elaboradas e com menores pormenores anatómicos. Esta primeira etapa estaria representada, em Portugal, pelas estelas de Crato e de Quinta do Couquinho (Moncorvo) (Vasconcelos, 1910; Anati, 1968), a que se juntaria o exemplar agora estudado, o qual possui no exemplar do Crato o seu paralelo mais directo, como já se referiu.

É possível que a este primeiro grupo pertença também a estela de Arronches, que, por se encontrar muito incompleta, não permite conclusão segura. A inserção deste grupo nos primórdios da Idade do Bronze encontra-se apoiada na presença de armas características, como as alabardas de folha triangular do tipo Carrapatas e punhais de rebites, como é o caso dos rebites pintados a vermelho no exemplar de Peña Tú.

À etapa seguinte, atribuível pelo Autor ao Bronze Pleno, corresponderiam exemplares crescentemente elaborados, possuindo braços e mãos, além de “colares”. A este grupo pertence a estela do Castro de Barrega, Celorico de Basto (Sampaio, 2007), possuindo braços desenvolvidos e mãos, com a representação dos dedos. Importante elemento para estabelecer a cronologia deste grupo é a presença de uma alabarda de tipo Carrapatas numa das estelas nele integráveis (Agallas), num momento posterior à produção da peça.

Admitindo a sua atribuição ao Bronze Pleno, a hipótese de este grupo ter sido inspirado nas placas alentejanas com idêntica iconografia, encontra um sério obstáculo, por não ser possível explicar um lapso temporal superior a 500 anos existente entre os dois grupos, já que as placas de xisto e de arenito dificilmente poderiam ser posteriores a 2500 anos a.C. Assim, as palavras precursoras a este propósito de E. Frankowski, ao declarar:

*"Supongo que todas estas piedras, y especialmente las três de Portugal [Crato, Quinta do Couquinho e Moncorvo], no son ni ídolos, ni tampoco unas representaciones de la diosa protectora de los muertos, sino que guardan cierto parentesco ideológico con las placas de pizarra, encontradas en los dólmenes (...)"* (Frankowski, 1920, p. 136),

significam apenas, no quadro dos nossos conhecimentos actuais, um parentesco formal, não sustentável do ponto de vista arqueológico e explicável por ambos os grupos se relacionarem com o mundo funerário e as suas divindades (conotação ideológica a que se referia o Autor citado).

A representação de cinturões surgiria, segundo M. Almagro Gorbea, nos exemplares do grupo imediatamente seguinte, que marcariam o início do Bronze Final. E, com efeito, embora a presença de cinturões seja conhecida em estelas-menires de épocas anteriores, atribuíveis ao Neolítico Final, as presentes nestes monumentos diferenciam-se daquelas, onde são comuns as decorações punctiformes, provavelmente representando aplicações de tachas de bronze – adereços só conhecidos, e até frequentes, no Bronze Final – sendo semelhantes ao patente em monumentos inquestionavelmente do Bronze Final, como a estela do Monte de São Martinho 1,

Castelo Branco (Almagro Basch, 1966). Acresce que algumas das estelas diademas cuja atribuição ao Bronze Final também não levanta dúvidas, como é o caso dos exemplares de La Lantejuela (Sevilha) e de Torrejón del Rubio II (Cáceres), também possuem cinturões decorados interiormente pela mesma técnica.

Assim, a presença de cinturões com as características referidas, parece ser critério válido para incluir no Bronze Final as estelas que os ostentem.

Assim, a pretensa cronologia calcolítica atribuída por alguns autores às estelas deste grupo, não possui, no quadro dos nossos conhecimentos actuais, fundamento sólido, até porque se trata, via de regra, de exemplares desprovidos de contexto. Por tal motivo, a estela de Granja de Toniñuelo (Badajoz), com cinturão deste tipo, seria da Idade do Bronze, e não do Calcolítico, com base na sua hipotética relação com a sepultura de falsa cúpula ali existente, conforme é defendido por P. Bueno Ramírez & Balbín Behrmann (1997, 2003).

Também carece de fundamento a afirmação, reiteradamente apresentada por aqueles autores, segundo a qual as estelas antropomórficas do território português de Crato e Esperança se relacionam com sepulturas megalíticas, invocando os testemunhos dos que primeiramente as publicaram (Bueno Ramírez & Cordero, 1995; Bueno Ramírez *et al.*, 2004 a, 2005; ver, por todas, as passagens contidas respectivamente a pp. 671 e 594 das duas últimas publicações). Ao contrário, como claramente afirmam os autores que primeiramente estudaram aqueles e outros exemplares (Vasconcelos, 1910; Breuil, 1917), os respectivos contextos arqueológicos não foram reconhecidos, não havendo nada que os possa associar a quaisquer construções tumulares megalíticas, situação aliás extensiva aos achados mais recentemente efectuados em território português. Exceptua-se a estela agora estudada, embora este aspecto não deva, pelas dúvidas expostas no início deste trabalho, ser excessivamente valorizado.

A realidade descrita parece ser comum ao país vizinho, especialmente à zona de maior concentração destas peças, na província de Cáceres e na de Salamanca (o que motivou a designação de grupo de Hurdes-Gata, registado na literatura). Como refere M. C. Sevillano (1991), apenas uma minoria das estelas conhecidas, poderiam, com alguma probabilidade, encontrar-se associadas a pequenas cistas, de época indeterminada, já que o registo mais fiável que se conservou foi a descoberta, em cista situada próximo da estela de El Cerezal I, de “una urna o puchero” (*op.cit.*, p. 100), o que, no entanto, é suficiente para comprovar a relação daquela estela com uso funerário.

No respeitante ao conjunto de Hernán Pérez, são de reter as seguintes observações: as estelas I, II e VII, encontravam-se isoladas no terreno, enquanto as estelas III, IV, V e VI, jaziam, segundo os testemunhos orais recolhidos, agrupadas em espaço restrito, onde se encontrava também uma estela de “tipo extremeño”, na maioria fincadas ainda no solo, junto a sepulturas rectangulares de lages de xisto bastante grandes (Almagro Basch, 1972, p. 91). Pode, pois, concluir-se, que as estelas assinalavam uma necrópole de cistas, que incluiria uma estela de “tipo extremeño” (Almagro Gorbea, 1977, p. 199), o que levou o autor a admitir, com razão, a existência de “paren-

tesco funcional” entre os dois tipos de monólitos decorados.

Tal realidade não sofreu alteração de fundo, desde o trabalho de M. C. Sevillano de 1991, até o presente, no que às estelas antropomórficas diademadas diz respeito, admitindo-se a sua efectiva conotação funerária com necrópoles de cistas da Idade do Bronze, de incineração e/ou de inumação, mas nunca com monumentos megalíticos.

Deste modo, sendo certo que as últimas produções desta sequência se inscrevem no Bronze Final/Idade do Ferro, conclui-se que a proposta de faseamento de M. Almagro-Gorbea de 1993 mantém plena actualidade, até pela lógica interna a ela associada: teríamos, assim, uma filogenia contínua para as estelas femininas diademadas que se iniciaria nos finais do Calcolítico/Bronze Antigo, passando pelo Bronze Pleno, e atingindo, mais de mil anos depois, o seu último estádio, no Bronze Final/Idade do Ferro, coexistindo com as estelas ditas “extremeñas” ou afins.

### Distribuição geográfica, incidências sócio-económicas

A distribuição geográfica das estelas diademadas tem sido conotada com recursos mineiros. Com efeito, a província de Cáceres, onde se concentram as ocorrências de estelas diademadas (Barceló, 1988, Fig. 11), com prolongamento pela de Salamanca – correspondente grosso modo ao designado grupo Hurdes-Gata, ou, conforme preferiram depois P. Bueno-Ramírez *et al.* (2005), ao Grupo Centro-Occidental – é uma área rica em jazidas de ouro e estanho aluvionares (Sevillano, 1982), a que se junta o cobre (Barroso *et al.*, 2003, *in* Bueno Ramírez *et al.*, 2004 b) (Estampa 7). A referida riqueza mineira explica a presença, na mesma região, de produções metálicas do final do Calcolítico e dos primeiros estádios da Idade do Bronze, inventariadas por R. Barroso Bermejo e colaboradores (2002/2003). E, já anteriormente, M. Almagro-Gorbea (1977, p. 200) tinha relacionado a proximidade de algumas estelas diademadas da província de Cáceres (Robledillo de Gata, Hernán Pérez) a jazidas auríferas, assinalando também naquela região jazidas de cobre e prata, concluindo ser possível a sua relação com sociedades mineiras cuja hierarquização se encontrava comprovada pela existência das próprias estelas:

*“Así estas estelas corresponderían a jeracas de grupos sociales, evidentemente mineros, cuya sacralización explicaría su relación original con el tipo de ídolo con el cual parecen estar relacionados originariamente estas representaciones”* (Almagro-Gorbea, 1977, p. 201).

Esta afirmação afigura-se também aplicável à região setentrional da península Ibérica, onde ocorre um outro grupo de estelas antropomórficas, de assinalável coe-rência iconográfica (Tabuyo del Monte, Collado de Sejos, Peña Tú, Garabandal), co-notável, pela tipologia, com as produções consideradas mais recuadas da série das estelas do grupo Hurdes-Gata. Nestes termos, o exemplar da Quinta do Couquinho (Moncorvo), igualmente de tipologia recuada no contexto evolutivo que se descreveu, ocupa posição geográfica intermédia entre os dois grupos, enquanto a estela de A-de-Moura se integra, do ponto de vista geográfico, no grupo de Hurdes-Gata, conclusão

sublinhada pelas assinaláveis analogias com alguns daqueles exemplares.

A situação geográfica dos achados portugueses de Crato e Arronches, e também do agora dado a conhecer, corresponde, por seu turno, à periferia ocidental do referido grupo, constituindo, sob o ponto de vista estritamente formal, os exemplares mais antigos da série, pela simplicidade iconográfica evidenciada e, deste modo, os mais próximos do grupo setentrional (Tabuyo del Monte, Peña Tú, Garabandal), embora estando muito afastados geograficamente destes últimos (Estampa 8). Tal realidade só pode explicar-se admitindo a existência de corredores de circulação transregional de orientação Norte-Sul, aliás assinalados graficamente de forma muito clara na Extremadura espanhola (Barroso Bermejo *et al.*, 2002/2003), com expressão também no território português, situado mais a ocidente. Não se percebe, conseqüentemente, face à localização geográfica dos exemplares de Crato e de Arronches, que os mesmos tenham sido incluídos no Grupo Setentrional por P. Bueno Ramírez *et al.* (2005).

Deste modo, admitindo a maior antiguidade dos exemplares alentejanos portugueses de Crato e de Arronches (embora neste com as reservas acima expostas), incluindo o agora estudado, face ao núcleo principal de estelas diademadas, situado a mais de 100 km a NE e onde, em contrapartida, são escassas as peças de características similares, fica por explicar a razão de, no actual território português, não se ter desenvolvido uma filogenia como a observada nas províncias de Cáceres e Salamanca, exceptuando o exemplar isolado do Castro de Barrega, Celorico de Basto, o qual, por possuir uma iconografia mais completa, no quadro das estelas femininas, é reportável ao Bronze Pleno. É provável que a escassez deste tipo de estelas no nosso território se deva à também menor disponibilidade de recursos mineiros, do que resultaria uma menor presença humana, durante um lapso temporal reportável a todo o II milénio a.C. Com efeito, embora as conclusões do estudo de J. A. Barceló (1988), com base em métodos de análise estatística, tenham indicado que as estelas antropomorfas constituem, globalmente, um conjunto espaço-temporal homogéneo, a realidade parece sugerir uma segregação das produções mais antigas fora daquele núcleo principal, entre o final do Calcolítico e o Bronze Antigo.

Da presente análise, ficaram excluídas as estelas com representação facial em baixo-relevo, que se integram em um grupo diferente e provavelmente mais antigo, de época calcolítica, representado pelo exemplar português de Moncorvo (Vasconcelos, 1910) e pelo exemplar granadino de Asquerosa (Paris, 1903, p. 85). As evidentes semelhanças entre ambos, ainda que situados em regiões muito afastadas entre si, sublinham a já referida existência das vias de circulação transregionais, de ainda mais ampla expressão, pois é possível relacionar os dois exemplares peninsulares citados com as numerosas estelas do Midi francês (estelas de Orgon e de Trets, entre outras), como muito bem já havia sido sublinhado no pioneiro trabalho de síntese de Octobon (Octobon, 1931, p. 467, 468), corporizando, assim, o cunho mediterrâneo de tais produções (Arnal, 1976).

### Agradecimentos

À Doutora Raquel Vilaça, pelo convite endereçado para participar neste reunião internacional e pela bibliografia que providenciou.

Ao Doutor M. Almagro-Gorbea, pelo envio de bibliografia que não foi possível obter em Portugal.

### Nota:

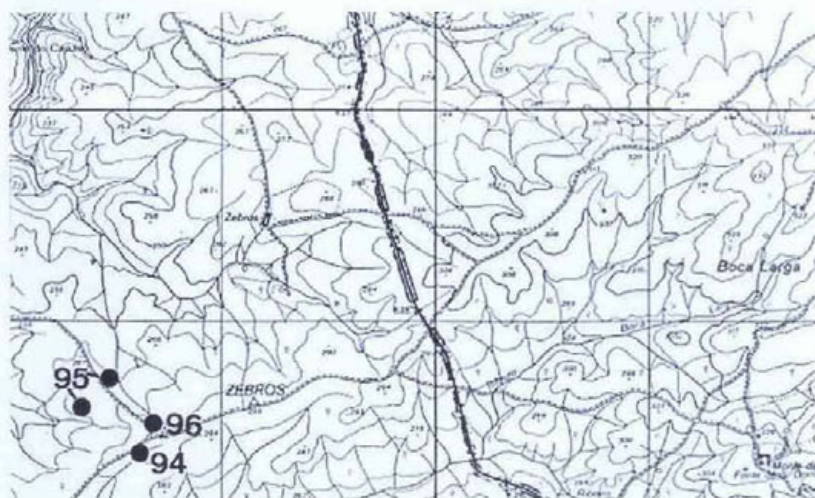
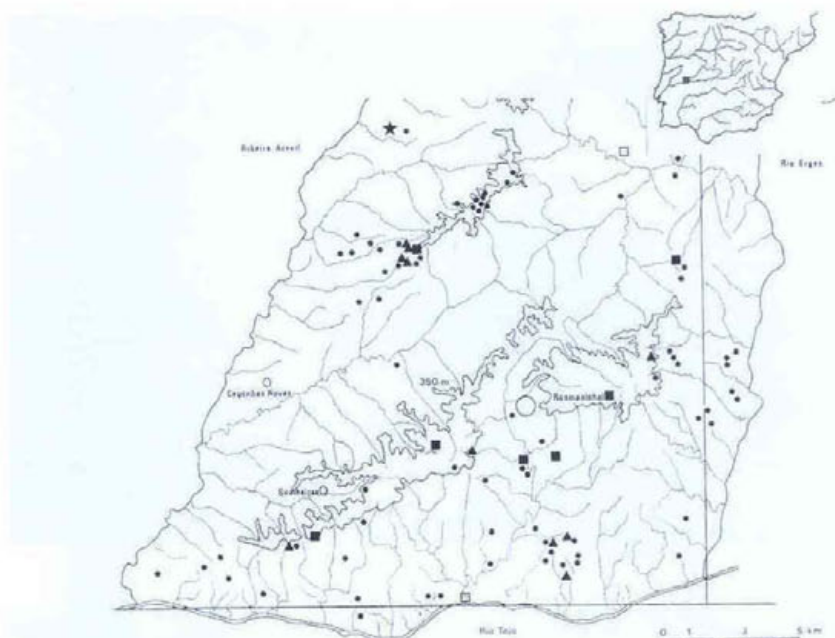
Já depois de este contributo ter sido entregue para publicação, o autor teve conhecimento de dois estudos de autoria de M. J. Correia Santos, entretanto publicados nas revistas *Herakleion*, 2 (2009) e *Madrider Mitteilungen*, 51 (2010), abordando, entre outras temáticas relacionadas com as estelas diademadas, a questão da sua cronologia. Deixando para outra oportunidade a discussão dos argumentos expostos nestes dois artigos, deseja-se desde já declarar que, face àqueles, considera-se que se mantêm válidas tanto a cronologia proposta para a estela de Monte dos Zebros, como as considerações apresentadas sobre a periodização de tais monumentos. Quanto à estela de A-de-Moura, tratada especialmente no segundo artigo, corresponde a representação feminina como já se indicava no presente trabalho, embora se discorde da autora no que se refere à cronologia do Bronze Final, por ela defendida.

**Bibliografia**

- ALMAGRO BASCH, Martín (1972) – Los ídolos y la estela decorada de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo-estela de Tabuyo del Monte (León). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 29, p. 83-124.
- ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: CSIC (Biblioteca Praehistorica Hispana, 8).
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC (Biblioteca Praehistorica Hispana, 14).
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (1993 a) – Les représentations humaines du Néolithique à L'Âge du Fer. *Actes du 115e. congrès national des sociétés savantes*. Avignon, p. 123-139.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (1993 b) – Las estelas antropomorfas en la Península Ibérica. Tipología, dispersión, cronología y significado. *Congreso Internazionale "La statuaría antropomorfa in Europa del Neolitico alla Romanizzazione" (La Spezzia-Pontremoli, 1988)*. Actas, p. 70-108.
- ANATI, Emmanuel (1968) – *Arte rupestre nella regioni occidentali della penisola ibérica*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici (Archivi di Arte Preistorica, 2).
- ARNAL, Jean (1976) – *Les statues-menhirs, hommes et dieux*. Toulouse: Éditions es Hespérides.
- BARCELÓ, Juan Antonio (1988) – Introducción al razonamiento estadístico aplicado a la Arqueología: un análisis de las estelas antropomorfas de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 45, p. 51-85.
- BARROSO BERMEJO, Rosa; BUENO RAMÍREZ, Primitiva & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2002/2003) – Las primeras producciones metálicas en la cuenca interior del Tajo: Cáceres y Toledo. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10/11, p. 87-106.
- BREUIL, Henri (1917) – La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arroches (Portalegre). *Terra Portuguesa*. Lisboa. 3, p. 17-27.
- BREUIL, Henri (1933) – *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique. I – Au Nord du Tage*. Lagny: Imprimerie de Lagny.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1991) – Estatuas menhir y estelas antropomorfas en la Península Ibérica. La situación cultural de los ejemplares salmantinos. *In Del Paleolítico a la Historia*. Salamanca: Museo de Salamanca, p. 81-97.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1992) – Les plaques décorées alentéjaines: approche de leur étude et analyse. *L'Anthropologie*. Paris. 96 (2/3), p. 573-604.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (1997) – Arte megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Granja de Toniñuelo (Badajoz). *Brigantium*. 10, p. 91-121.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2003) – Grafías y territorios megalíticos en Extremadura. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 25, p. 407-448.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva & GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (1995) – Nuevos datos para la contextualización arqueológica de estatuas-menhir y estelas antropomorfas en Extremadura. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (1), p. 95-106.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de & BARROSO BERMEJO, R. (2004 a) – Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique: Le Tage international. *L'Anthropologie*. Paris. 108, p. 653-710.

- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, R. & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2004 b) – Construcciones megalíticas avanzadas de la cuenca interior del Tajo. El núcleo cacereño. *SPAL*. Sevilla. 13, p. 83-112.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de & BARROSO BERMEJO, R. (2005) – Hiérarchisation et métallurgie: statues armées dans la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*. Paris. 109, p. 577-640.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de & BARROSO BERMEJO, R.; ALCOLEA, J. J.; VILLA, A. & MORALEDA, A. (1999) – *El dólmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyerbas*. Toledo: Diputación Provincial de Toledo.
- CABRÉ AGUILÓ, Juan (1916) – *Arte rupestre gallego y portugués*. Lisboa: Memórias da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 2.
- CARDOSO, João Luís (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARDOSO, João Luís (2008) – The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In P. Bueno-Ramírez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Behrmann, ed. - *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: BAR International Series 1765, p. 103-115.
- CARDOSO, João Luís; GONZÁLEZ, António & CARDOSO, Guilherme (2001/2002) – Um notável ídolo de calcário de dólmen de Casinhos (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 375-385.
- CARVALHO, Pedro Sobral de; GOMES, Luís Filipe Coutinho & FRANCISCO, José Paulo Almeida (1999) – A estátua-menir do Alto da Escrita (Tabuaço, Viseu). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 7, p. 251-256.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián (1990) – Las estelas decoradas del SW peninsular. In *La Cultura Tartésica y Extremadura*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 45-62 (Cuadernos Emeritenses, 2).
- CUNHA, Ana Leite da & CARDOSO, João Luís (2002/2003) – A anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10/11, p. 31-53.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier & CELESTINO PÉREZ, Sebastián (1982) – La estella de Capilla (Badajoz). *Pyrenae*. 17/18, p. 203-210.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier & CELESTINO PÉREZ, Sebastián (1984) – Nuevas estelas decoradas en la cuenca del Guadiana. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 41, p. 237-251.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1973) – Acerca das placas-ídolos com mãos encontradas em Portugal e o culto da fecundidade. *Estudios dedicados al Profesor Dr. Luis Pericot*. Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 233-240.
- FRANKOWSKI, Eugeniusz (1920) – *Estelas discoideas de la Península Ibérica*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria 25).
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos & CARDOSO, João Luís (1998) – *Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova. Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na margem direita do Alto Tejo português*. Lisboa: Associação de Estudos do Alto Tejo (relatório não publicado apresentado ao Instituto Português de Arqueologia).
- ISIDORO, Agostinho (1971) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22 (1), p. 41-56.

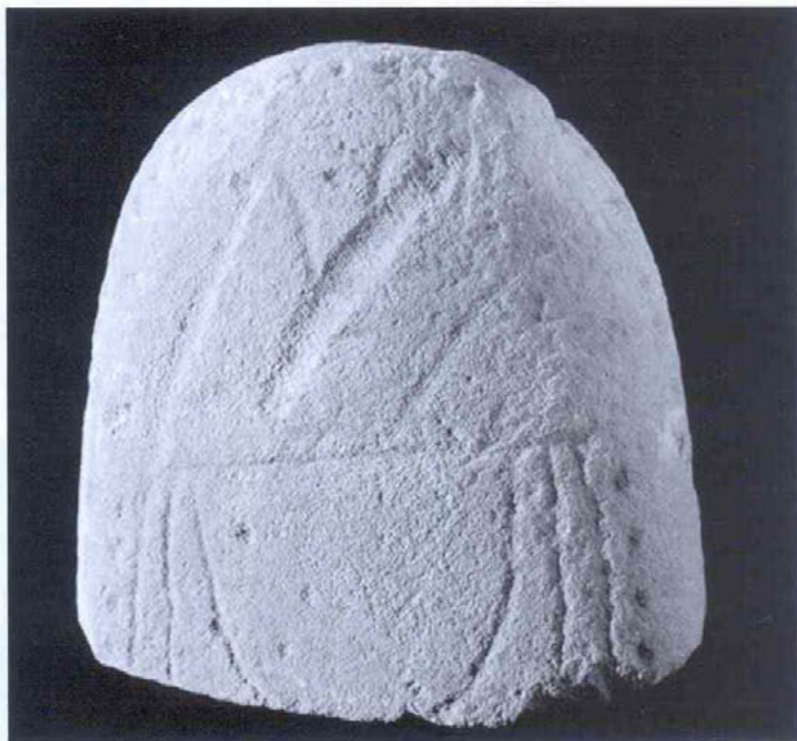
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen Band 1/2).
- OCTOBON, Commandant (1931) – Statues-menhirs, stèles gravées, dalles sculptées. *Revue Anthropologique*. Paris. 41, p. 299-579.
- OLIVA ALONSO, Diego (1983) – Una nueva estela antropomorfa del Bronce Final en la provincia de Sevilla. *Homenaje al Prof. M. Almagro Basch*. Madrid. 2, p. 131-139.
- OLIVEIRA, Jorge de (2006) – *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa:Edições Colibri/Universidade de Évora.
- PARIS, Pierre (1903) – *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Tome premier. Paris: E. Leroux, éditeur.
- SAMPAIO, Jorge Davide (2007) – A estela antropomórfica do Castro de Barrega (Borba da Montanha, Celorico de Basto, Braga). *Conimbriga*. Coimbra. 46, p. 53-71.
- SEVILLANO, Maria Carmen (1974) – Un nuevo ídolo de la Edad del Bronce aparecido en Robledillo de Gata (Cáceres). *Zephyrus*. Salamanca. 25, p. 145-150.
- SEVILLANO, Maria Carmen (1982) – Un nuevo hallazgo en Extremadura: el ídolo-estela de El Cerezal. *Zephyrus*. Salamanca. 34/35, p. 165-171.
- SEVILLANO S. JOSÉ, Maria Carmen (1991) – Conexiones de las estelas antropomorfas salmantinas y extremeñas. Análisis de nuevos datos para su estudio en la provincia de Salamanca. *In Del paleolítico a la Historia*. Salamanca: Museo de Salamanca, p. 99-116.
- SILVA, Marcos Daniel Osório da (2000) – Estátua-Menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8, p. 229-236.
- VASCONCELOS, José Leite de (1910) – Esculturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 15, p. 31-39.



Estampa 1 - Localização da estela do Monte dos Zebros: em cima, na Península Ibérica; ao centro (estrela\*), na região do Tejo internacional, com o respectivo enquadramento arqueológico (círculos: antas e mamôas; quadrados: vestígios de povoamento disperso; triângulos: recintos megalíticos, menires e rochas com covinhas, seg. Cardoso, 2008, modificado); em baixo: na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, Folha 258, com o enquadramento arqueológico imediatamente envolvente: 94: mamôa; 95: materiais romanos em dois núcleos de achados; 96: estela de Monte dos Zebros (seg. Henriques, Caninas & Cardoso, 1998).



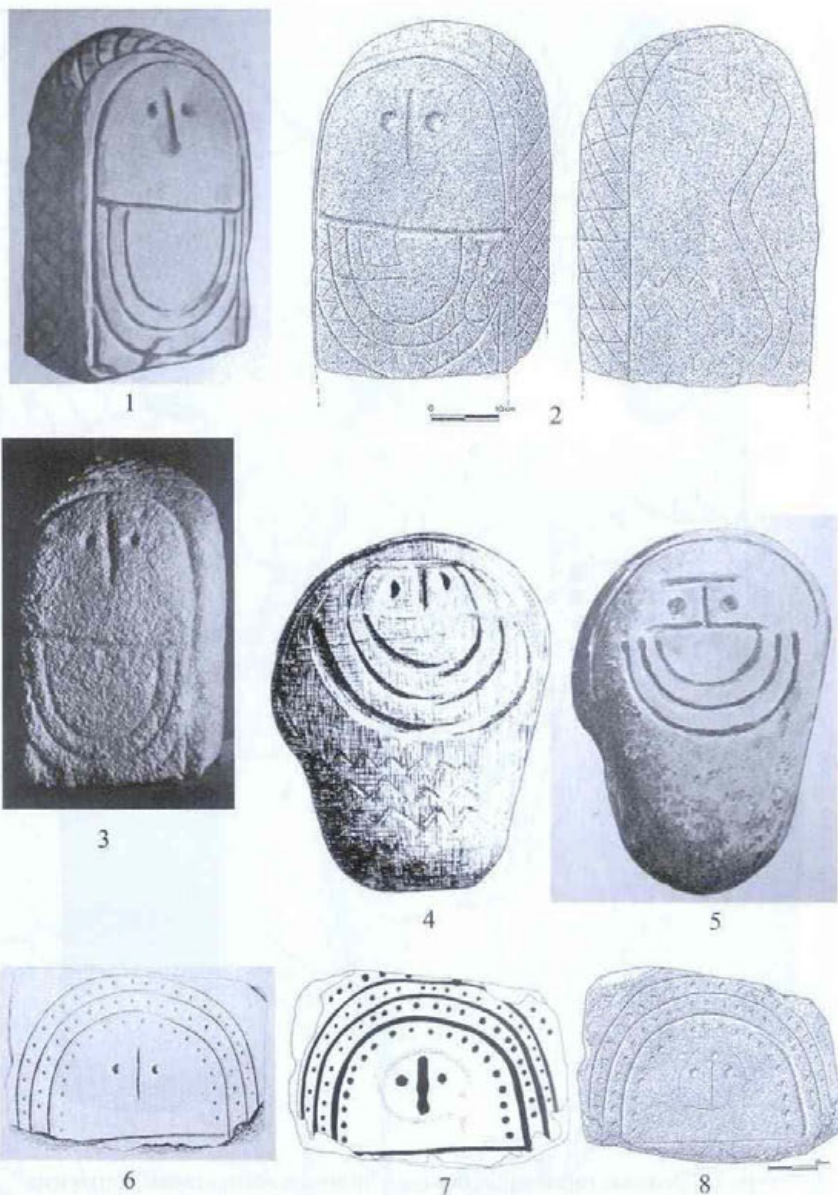
Estampa 2 - Campo agrícola de declive muito suave, com vasta visibilidade, onde se encontrou a estela, com abundantes blocos dispersos numa extensão aproximada de 50 m, configurando uma mamôa não megalítica, compatível com monumento da Idade do Bronze (fotos de M. Chambino).



Estampa 3 - A estela de Monte dos Zebros. Vista frontal e pormenor da técnica de execução (fotos de J. L. Cardoso).



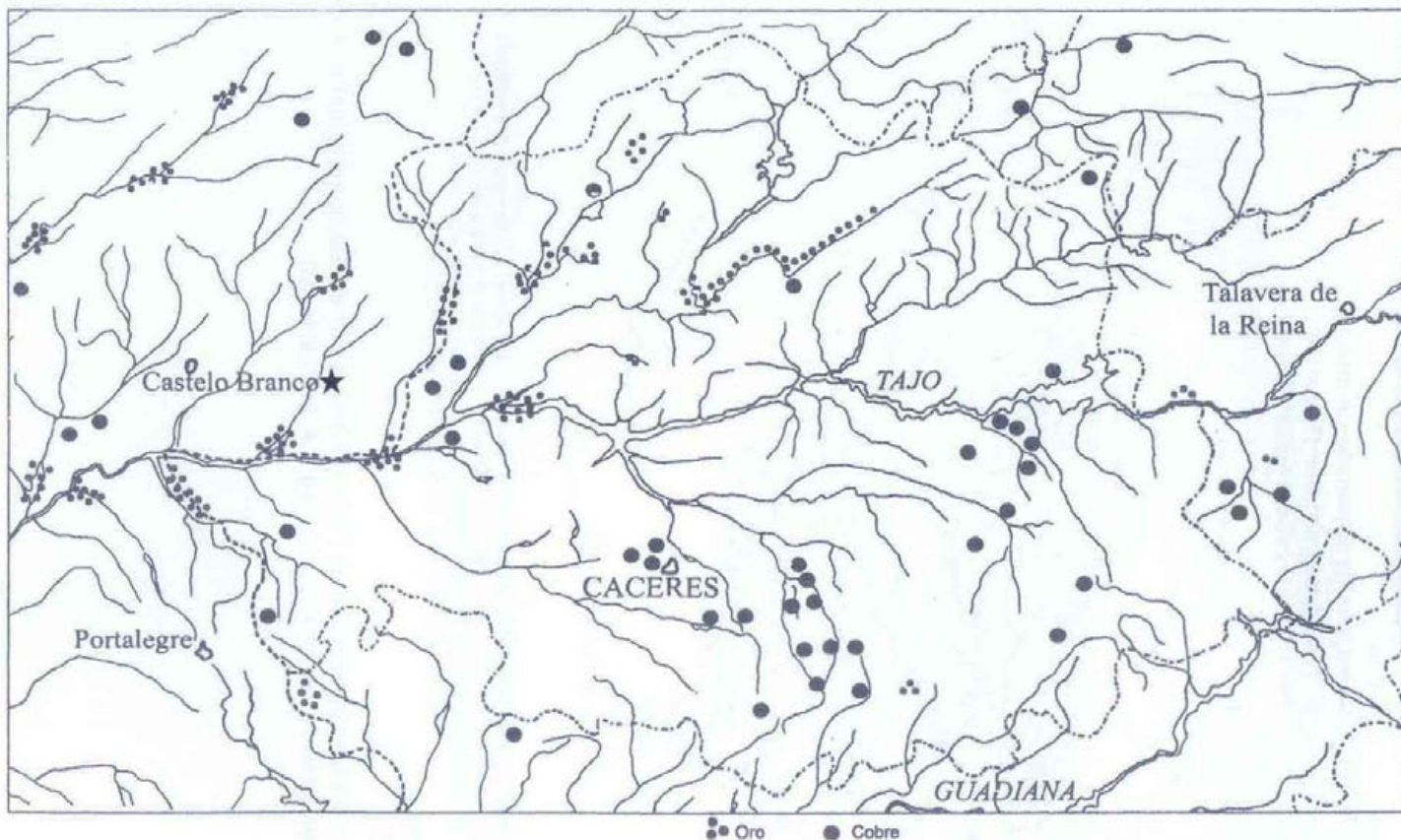
Estampa 4 - A estela de Monte dos Zebros. Em cima: desenho da parte conservada; em baixo: representação da iconografia existente (desenhos de B. Ferreira).



Estampa 5 - Pequenas estelas do território português comparáveis à de Monte dos Zebros, representadas por diversos autores. Estela do Crato, incompleta inferiormente: 1, seg. J. L. de Vasconcelos (1910); 2, seg. P. Bueno Ramírez *et al.* (2005); 3, seg. E. Anati (1968). Estela da Quinta do Couquinho (Moncorvo): 4, seg. E. Anati (1968); 5, seg. J. L. de Vasconcelos (1910). Estela de N. Sr<sup>a</sup>. da Esperança (Arronches): 6, seg. H. Breuil (1917); 7, seg. E. Anati (1968); 8, seg. P. Bueno Ramírez *et al.* (2005). Note-se a variabilidade dos pormenores representados pelos diversos autores.



Estampa 6 - Diversas representações com interesse comparativo com a estela de Monte dos Zebros: 1, Estela de A-de-Moura, Guarda (Silva, 2000), com explicitação do sexo feminino (atribuição nossa); 2, placa de xisto com representação de "colares" em ambas as faces, da gruta do Cabeço da Ministra, Alcobaca (Gonçalves, 1977); 3 e 4, duas representações da estela de Agallas, Salamanca: 3, seg. M. C. Sevillano S. José (1991), provida de uma alabarda, gravada ulteriormente ao lascamento frontal da estela; 4, seg. P. Bueno Ramírez *et al.* (2005), com explicitação do sexo feminino (atribuição nossa); 5, placa de xisto da anta de Vale Magro, Crato, com indicação do sexo feminino (atribuição nossa), seg. A. Isidoro (1971).



Estampa 7 - Possibilidades extractivas de cobre e de ouro (aluvial) na bacia do Médio Tejo, assinalando-se com estrela\* a localização da estela de Monte dos Zebros, seg. Barroso *et al.* (2003).



FIG. 11.— Mapa de distribución de las Estelas Antropomorfas: 1. Asquerosa; 2. Lantejuela; 3. Toniñuelo; 4. N. S. Esperança; 5. Crato; 6. Hernán Pérez; 7. Robledillo; 8. Riomalo; 9. El Cereza; 10. Salvatierra; 11. Ciudad Rodrigo; 12. Quinta do Couquinho; 13. Moncorvo; 14. Paredes de Abajo; 15. Tabuyo del Monte; 16. Peñatu; 17. Collado de Sejos.

▲ con armas  
● sin armas

Estampa 8 - Localização aproximada na Península Ibérica das estelas antropomorfas. A de Monte dos Zebros assinala-se com estrela\* . Seg. J. A. Barceló (1988).